



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFOP - EEFUFOP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



**Águida Aparecida Fernandes**

**Guilherme Rodrigues Fernandes**

**RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ANSIEDADE A PARTIR DAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: VISÕES DISCENTES E DOCENTES**

**OURO PRETO  
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFOP - EEFUFOP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ANSIEDADE A PARTIR DAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA: VISÕES DISCENTES E DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado na disciplina EFD 154,  
como pré-requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Educação  
Física.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise  
Falcão

**OURO PRETO  
2024**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F363r Fernandes, Aguida Aparecida.  
Relações entre gênero e ansiedade a partir das aulas de educação física [manuscrito]: visões discentes e docentes. / Aguida Aparecida Fernandes. Guilherme Fernandes. - 2024.  
54 f.: il.: gráf..

Orientadora: Profa. Dra. Denise Falcão.  
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Educação Física. Graduação em Educação Física .  
Área de Concentração: Educação Física.

1. Educação física. 2. Gênero. 3. Ansiedade. I. Fernandes, Guilherme. II. Falcão, Denise. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 796:37

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Ágida Aparecida Fernandes e Guilherme Rodrigues Fernandes**

**Relações entre gênero e ansiedade a partir das aulas de Educação Física: visões discentes e docentes**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física

Aprovada em 16 de janeiro de 2024

### Membros da banca

Dra - Denise Falcão - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dr - Bruno Ocelli Ungheri - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Ms - Maria Teresa Sudario Rocha - (UNIPAC)

[Denise Falcão], orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 16/01/2024



Documento assinado eletronicamente por **Denise Falcão, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/01/2024, às 21:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0652921** e o código CRC **EFC21B2D**.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente agradecemos a Deus que nos possibilitou vivenciar cada etapa desse curso, vencendo obstáculos e conquistas importantes. Agradecemos às nossas famílias que nos deram estruturas para chegar até aqui, nossos pais Ana Maria Rodrigues Fernandes, Antônio Isaías Fernandes, Aparecida Maria Fernandes, Roque Antônio Fernandes, nossos irmãos Jonny de Freitas Fernandes e a Gabriela Rodrigues Fernandes por todo carinho, preocupação e apoio e por sempre nos incentivar a continuar estudando, mesmo nas dificuldades do dia a dia. Agradecemos aos amigos Débora, Richard, Cleber, Henrique, Luana, Stefany, Lisiane, Giovanna, Selma, Luciana, Hugo, João Gabriel, Anderson que sempre estiveram presentes torcendo pelas nossas vitórias. Aos amigos que a Universidade nos permitiu conhecer Débora, Bruna, Laís, Dayana, Giovanna, Ana Paula, Luiz Eduardo, Odara, Matheus Medeiros, Sabrina, uma vez que sem o apoio e companhia, tornaria o processo ainda mais desafiador.

Agradecemos também aos professores Ana Paula Carvalho, José Porfírio, Bruno Ocelli e Míriam Fernandes, que foram extremamente importantes para a nossa formação acadêmica, nos ensinando muito, para além dos conteúdos da Educação Física e em especial a Denise Falcão que foi umas das professoras que marcou nossa trajetória e por todas as orientações para a realização do presente trabalho. Agradecemos também ao LAGEP que contribui muito com todas as leituras, discussões e apresentações, possibilitando conhecer uma série de assuntos que não teríamos contato individualmente, assim como a Universidade Federal de Ouro Preto que nos deu possibilidades para seguir nossos objetivos profissionais.

## **RESUMO**

O presente estudo parte do intuito de investigar as possíveis relações entre gênero e ansiedade, a partir das aulas de Educação Física nos terceiros anos do ensino médio. A mesma foi realizada com professores de educação física e alunos do terceiro ano do ensino médio do Instituto Federal de Minas Gerais Campus Ouro Preto. Utilizou-se como instrumentos de pesquisa 2 questionários, sendo um destinado aos alunos e outro aos professores, além da análise dos planejamentos anuais dos professores e os documentos norteadores do instituto. Através destes, foi observado que a temática gênero no instituto é abordada a partir de uma demanda imediata, sem constatações de um planejamento nos planos anuais dos terceiros anos; A maior parte dos alunos se entendem como pessoas que sentem algum nível de ansiedade, mas é uma minoria que relatou a mesma como desencadeada a partir da temática gênero; Apesar de estarem na última etapa da educação básica, ainda carregam considerações errôneas sobre gênero; Foram constatadas as situações e conteúdos em que surte um maior nível de desconforto para os alunos relacionadas com gênero. Por fim, aponta-se que a relação entre gênero e ansiedade no instituto não causa grande impacto nos envolvidos, mas ainda assim, é uma questão que se faz presente.

Palavras-Chave: Educação física, ansiedade e gênero.

## **ABSTRACT**

The present study is based on the aim of investigating the possible relationships between gender and anxiety, from Physical Education classes in the third years of high school. It was carried out with physical education teachers and students of the third year of high school of the Instituto Federal de Minas Gerais Campus Ouro Preto. Two questionnaires were used as research instruments, one for students and the other for teachers, in addition to the analysis of the annual plans of the teachers and the guiding documents of the institute. Through these, it was observed that the gender theme in the institute is addressed from an immediate demand, without findings of a planning in the annual plans of the third years; Most of the students understand themselves as people who feel some level of anxiety, but it is a minority who reported the same as triggered from the gender theme; Despite being in the last stage of basic education, they still carry erroneous considerations about gender; The situations and contents in which there is a higher level of discomfort for the students were found. Finally, it is pointed out that the relationship between gender and anxiety in the institute does not have a great impact on those involved, but still, it is an issue that is present.

Keywords: Physical education, anxiety and gender.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1. Objetivo Geral .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2. Objetivo Específico .....</b>	<b>22</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>23</b>
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>8. ANEXOS .....</b>	<b>54</b>
<b>7.1. ANEXOS A - Carta de anuência .....</b>	<b>54</b>
<b>7.2. ANEXOS B - Termo de consentimento livre e esclarecido .....</b>	<b>55</b>
<b>7.3. ANEXOS C - Termo de assentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>57</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Para compreender o presente trabalho, se faz necessário explicitar o ambiente a ser pesquisado. Assim sendo, situa-se o Instituto Federal de Minas Gerais, segundo Ministério da Educação (2020) como instituição de Ensino Fundamentado nos ideais de excelência acadêmica e de compromisso social. Logo, o IFMG é uma instituição de ensino que busca promover a Educação Básica, profissional e superior, seguindo a premissa de ofertar benefícios para a sociedade, sendo reconhecida em território nacional como instituição promotora de educação de excelência. O IFMG, criado pela Lei nº 11.892, sancionada em 29 de dezembro de 2008, consta 18 *Campis*, instalados em regiões de Minas Gerais, entre eles, o Campus Ouro Preto, que será a base para esta pesquisa.

Sobre esse instituto, são ofertadas vagas para alunos com idade igual ou superior a 14 anos nos cursos técnicos e integrados ao ensino médio. A entrada dos mesmos é marcada pela aprovação mediante uma prova, sendo assim realizada uma seleção dos seus alunos. Neste contexto, o IFMG Ouro Preto oferece um grande arcabouço de espaços e materiais, além de profissionais com um nível maior de formação. A Educação Física possui seu espaço reconhecido e legitimado dentro da Instituição, onde a Coordenadoria da Área de Educação Física e Desportos (CODAFID), possui um plano de ensino para a disciplina que indica os conteúdos que serão trabalhados em cada ano, sendo pautados em aspectos que irão atrair os novos integrantes do instituto para a Educação Física que muitos não tiveram anteriormente, apresentar diversas possibilidades da Educação Física e por fim empoderar esses alunos para que utilizem dos conhecimentos da área para além dos espaços escolares.

A Educação Física é compreendida como parte valiosa no processo educativo, para além do conteúdo esportivo. Perpassa pela ideia de se trabalhar o desenvolvimento de um indivíduo abrangendo aspectos motores, críticos e sociais, ou seja, um indivíduo que se expressa, possuindo pensamentos e argumentos intelectuais e sociais. Barbosa (2004, apud SILVA, et al. 2022, p.2):

As aulas de Educação Física se mostram ricas em possibilidades no ambiente escolar pois, através de seus conteúdos específicos é possível trabalhar e contextualizar questões vivenciadas na realidade social os alunos, contribuindo com a formação, a criticidade e a autonomia no exercício real da cidadania.

Somado ao supracitado, é da realidade da Educação Física lidar com noções corporais e comportamentais dos indivíduos, colocando em ênfase o corpo e seus significados. Neste sentido, Daolio (1995, p.26) critica o afastamento do corpo e da cultura, onde segundo ele, “o corpo humano não é um dado puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades. O corpo é fruto da interação natureza/cultura”, ou seja, a noção de corpo implica diretamente na construção cultural a qual é feito, expressando elementos ligados à sociedade a qual faz parte. Sendo assim, nossas ações sofrem influências culturais inscrevendo nos corpos, regras, costumes e significados que distinguem entre si em determinado tempo ou local. Assim, de acordo com Daolio:

Cada gesto que fazemos, a forma como nos sentamos, a maneira como caminhamos, os costumes com o corpo da gestante (a mensagem hoje é que ela se movimenta, ao contrário de poucos anos atrás), os cuidados com o bebê... tudo é específico de uma determinada cultura, que não é melhor nem pior que qualquer outra. A forma de chutar, os cuidados higiênicos com o corpo, os esportes que se praticam numa determinada época, num determinado local, são influenciados pela cultura. (DAOLIO, 1995, p.25)

Assim sendo, considerando-se que determinadas modalidades esportivas possuem certas tendências a determinados gêneros, culturalmente citando, além da reconstrução da cultura infantil que também se faz molde para se encaixar os sujeitos em padrões sociais, que em muitas vezes são encarados como o adulto que virá a ser, se desenvolve então competências diferenciadas entre os seres de gênero diferentes. Logo se faz comum que desde cedo sejam feitas inscrições nos corpos das crianças, acostumando-as e construindo padrões, normas sociais, que ditam condutas e comportamentos, que segundo Prado, et al. (2016, p. 60) “Ao ganharem a esfera cultural, os símbolos ligados ao gênero são interpretados como sinônimo de masculinidade ou feminilidade.”

Segundo Jacoby e Goellner (2020, p.5) “As distinções colocadas no processo ensino/aprendizagem para meninas e meninos, tanto na escola quanto fora dela, provocam conformações e entendimentos também diferenciados sobre o corpo e suas práticas”. Sendo assim, não se faz distantes, por exemplo, o direcionamento de brincadeiras mais agressivas, atividades com grau maior de riscos e desafios, para sujeitos dados como masculinos, enquanto os ligados ao feminino, possuem uma tendência a serem levados a outras atividades, como brincar de boneca, cozinhar, cuidar da casa e outras, que já determinam como os seres humanos devem se comportar dentro da sociedade, bem como seus papéis.

Neste sentido o ser mulher e/ou homem e outros, numa perspectiva histórica, traz consigo uma diferenciação de direitos, papéis, oportunidades e afins, impregnados numa cultura social, a qual segundo Cruz e Palmeiras (2009, p.116) “As instituições, escola e família, são consideradas as principais responsáveis pela construção e/ou reprodução de conceitos equivocados, ou melhor, valores estereotipados acerca das questões de gênero”, onde cotidianamente são abordadas tais questões, mas em muitos momentos de forma a contribuir com a passagem de conhecimentos e informações sobre gênero que perpetuam sua ordem social vigente.

Assim sendo, o ambiente escolar se faz um espaço de diversidade, onde crianças e adolescentes passam por constantes transformações, levando em conta seu gênero, etnia, entre outras variáveis que os enquadram em uma pluralidade de perspectivas, que aos poucos vão sendo peças fundamentais para a formação de suas identidades. Segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional em seu Art.1 (LDB,1996, p.2) “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, tendo por objetivos o desenvolvimento integral do educando, o preparando para a vida em sociedade. Sendo bem dialogado por Alves, que traz um olhar sobre a escola e seus papéis e importâncias para este contexto, sendo este:

A escola é fundamental na desconstrução de mitos e preconceitos, na promoção de valores democráticos de respeito ao outro e na transformação social. É na escola que se formam cidadãos e cidadãs atuantes. É também o espaço para que eles sejam respeitados e respeitadas em suas especificidades. A escola não é só um lugar de transmissão do saber, é onde se aprendem valores e atitudes e de onde se levam as boas e as más lembranças, os bons e os maus exemplos de convivência, amizade e solidariedade. (ALVES, 2018, p. 354)

A história nos mostra que nem sempre a escola foi tão passível às diversidades, uma vez que as mulheres não possuíam acesso pleno à cultura. Não era relevante que as mesmas soubessem ler e escrever, já que eram enquadradas em outros contextos e papéis, como por exemplo, cuidados com a casa e com a família. Entretanto, através dos avanços da sociedade como um todo e do movimento feminista em particular, de acordo com Farah (2004, p. 48) que diz que “O campo de estudos de gênero consolidou-se no Brasil no final dos anos 1970, concomitantemente ao fortalecimento do movimento feminista no país”. Houve assim implementação das escolas mistas, que teve o intuito de proporcionar a mesma educação para meninos e meninas, em uma perspectiva igualitária, porém ainda hoje não se fez possível suprir a desigualdade enfrentada pelas mulheres que acabam ficando em segundo plano mesmo nos dias atuais ou encaixadas em papéis estereotipados, fora e dentro da escola, não ignorando os avanços desta temática no ambiente escolar.

Ainda sobre a educação escolar, dentre as áreas de conhecimento obrigatório, se faz presente a Educação Física. Esta atua de forma expressiva, através de práticas corporais, sociais e lúdicas, integrando os sujeitos nas diferentes possibilidades de manifestações do corpo e cultura, que retratada na Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 213):

Pode ser compreendida como componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história.

É da realidade da Educação Física lidar com a diferenciação corporal e comportamental. Se faz comum que desde cedo os meninos sejam acostumados com brincadeiras mais desafiadoras, enquanto as meninas tendem a ser levadas a outras atividades, sendo muitas delas mais pacíficas.

Assim, Grossi (2015, p. 4) “entende que, de fato, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos usados”.

Os padrões comportamentais acabam influenciando na discrepância física, motora, atitudinal e cognitiva vista nas aulas de Educação Física, uma vez que se aumenta o repertório motor devido à exposição a maiores vivências.

Na perspectiva acima apresentada, entende-se que questões relacionadas ao gênero fazem parte de temas que ocorrem diariamente, ainda mais na Educação Física. Logo, Daolio (1995, p.27) diz que os profissionais de Educação Física, por trabalharem com o homem através do seu corpo, estão trabalhando com a cultura impressa nesse corpo e expressa por ele. Portanto, mexer no corpo é mexer na sociedade da qual esse corpo faz parte. Evidenciando a importância do uso dos temas afins ao gênero no ambiente escolar.

Posto isto e de acordo com toda a construção acima, se faz necessário apresentar a conceituação do tema em questão, que pode ser atribuído da seguinte forma de acordo com Cabral (1988, p. 1) “Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais”. Farah (2004, p. 2) diz que o conceito de gênero, ao enfatizar as relações sociais entre os sexos, permite a apreensão de desigualdades entre homens e mulheres, que envolvem como um de seus componentes centrais desigualdades de poder. Arelado a estes conceitos, é visto que a diferenciação entre homem e mulher é uma construção social e cultural, não pautada sobre um viés biologicista, normalmente visto. Durante toda a história, sempre houveram as determinações de papéis pré-estabelecidos para machos e fêmeas, que os direcionam para uma idealização de homem e mulher.

Em uma perspectiva atual, o conceito sobre gênero abordado no glossário da diversidade publicado pela Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidade (2017, p. 13) se faz da seguinte forma:

O conjunto de valores socialmente construídos que definem as diferentes características (emocionais, afetivas, intelectuais ou físicas) e os comportamentos que cada sociedade designa para homens e mulheres. Diferente do sexo, que vem determinado como o nascimento, o gênero se aprende e se pode modificar, sendo, portanto, cultural e socialmente construído.

Caminhando na mesma perspectiva de compreensão Chanter (2011, p. 8) cita que “há ditames culturais de acordo com os quais os sujeitos constroem a si mesmos, apropriando-se de códigos de gênero historicamente situados e, às vezes, reinventando ou subvertendo tais códigos”. Ademais, o conceito de gênero denota uma difícil universalização, uma vez que o mesmo surge em oposição a vieses científicos e divinos ligados a forma como os corpos masculinos e femininos são formados e vistos, em relação ao físico, emocional, a sexualidade, escolhas profissionais e outros âmbitos dentro da sociedade.

Dessa forma, as práticas de gênero fomentam o desenvolvimento seguindo normas sociais já estabelecidas desde o nascimento do indivíduo. Ser mais ativo em alguma modalidade esportiva, usar roupas rosas ou dançar, por exemplo, acabam sendo determinantes culturalmente para serem entendidas como especificidades para cada gênero. Culturalmente, a participação das mulheres nas artes marciais e esportes de combate era considerada uma prática anormal, inconveniente e periculosa; ao passo que, para os homens, lhes eram, e ainda são atribuídas as qualidades necessárias para praticá-las, como a virilidade, a coragem e a força (Mariano et al., 2021). Neste sentido se faz importante, para além de entender sobre gênero, compreendê-lo em sua totalidade, para visualizar suas diferentes manifestações e problemáticas

Ao se considerar as fases de desenvolvimento humano, uma delas se destacam dentro deste contexto, sendo ela a Adolescência, a qual possui suas próprias especificidades, que acabam sendo afligidas por diferentes aspectos biológicos

e sociais, em um processo de formação de padrões e identidade. Assim sendo, Jatobá e Bastos (2007) evidenciam sobre a adolescência que:

É um período de intensas modificações no desenvolvimento humano, marcado por alterações biológicas da puberdade e relacionado à maturidade biopsicossocial do indivíduo. Desse modo, é identificada como um período de crise, pela experiência de importantes transformações mentais e orgânicas capazes de proporcionar manifestações peculiares em relação ao comportamento normal para a faixa etária. (JATOBÁ; BASTOS, 2007, p.172)

Aliado a isso o Ministério da Saúde (2007, p. 9) traz sobre a adolescência que "temos de falar não da adolescência, mas das adolescências, que são definidas por aquilo que está ao redor, pelos contextos socioculturais, pela sua realidade, situando-as em seu tempo, em sua cultura". Deste modo, emergem fortemente questões ligadas à diversidade sexual, étnica, cognitiva, de gênero e outras, ao se considerar a grande diversidade corriqueiras dos ambientes escolares, assim como salientado por Alves (2018, p.351) que entende que "ao se estabelecer em existência, na escola, esse corpo que desliza entre, além, ou a partir das formações binárias de gênero provoca a desconforto de ideias e (pré) conceitos". Diante disso, é necessário que a instituição escolar possua o conhecimento e recursos necessários para lidar com essas pluralidades de forma eficaz, uma vez considerado que os adolescentes, passam maior tempo do seu dia no ambiente escolar.

Vê-se então que o percurso de desenvolvimento maturacional físico e cognitivo é um momento delicado e facilmente pode ser encontrado estudantes com algum nível de transtorno de ansiedade e/ou depressão, provocando desestimulação pelo estudo, diminuição da memória e concentração, provocando inúmeras dificuldades e, possivelmente, a evasão escolar, indo em conjunto aos apontamentos feitos por Tavares et al.(2020, p.2) "Ademais, é na fase da adolescência que os indivíduos estão mais suscetíveis aos transtornos mentais, já que estão no processo de desenvolvimento da autoconfiança.", assim o mesmo autor também informa que "é possível concluir que problemas relacionados à saúde mental são relacionados a fatores sociais, econômicos, educativos e o acesso aos serviços de saúde." (Tavares et al., 2020, p.7).

Os transtornos de ansiedade são caracterizados por medo e preocupação excessivos e distúrbios comportamentais relacionados. Em 2019, 301 milhões de pessoas viviam com transtorno de ansiedade, incluindo 58 milhões de crianças e adolescentes (WHO, 2022), e estas estimativas sofreram aumentos no ano seguinte, com relações diretas à pandemia de COVID - 19. Ainda nesta perspectiva, Chen et al. (2020) colabora ao informar que “as adolescentes do sexo feminino mostraram maior risco de depressão e ansiedade durante o COVID-19.” indo em favor aos estudos de Tavares et al.(2022) que ao avaliar a prevalência da ansiedade nos adolescentes percebe que pessoas do gênero feminino são as mais atingidas.

Diante disso, os adolescentes estão vivenciando momentos de alterações intensas, visto que ocorrem as mudanças corporais e psicológicas para estes indivíduos e as questões de gênero podem contribuir negativamente neste processo, aumentando a ansiedade de tais indivíduos, como citado por Francisco et al (2020, p. 2):

As minorias sexuais e de gênero tornam-se alvo de violência psicológica, como humilhação, cobrança para mudança de comportamento, rejeição e isolamento do convívio social. Isso proporciona a vivência da angústia entre esses indivíduos, fazendo com que eles não encontrem o apoio social e adotem comportamentos contrários ao de aprender novas habilidades e de buscar meios alternativos que promovam felicidade e bem-estar.

Para Cruz e Palmeiras (apud Altmann, 1998) a imagética social, ao alocar papéis sexuais diferenciados para homens e mulheres, induz à estereotipia sexual, ou seja, induz a entendermos que para cada sexo existem comportamentos pré-determinados, e isso termina refletindo principalmente quando a criança chega à escola.

Segundo Francisco et al. (2020) a população LGBT apresenta maior risco para transtornos mentais, entre eles a ansiedade. [...] O apoio social e familiar e a redução da discriminação podem proteger esses indivíduos contra o desenvolvimento da ansiedade. Isso sinaliza a necessidade de mudança de comportamento social e cultural. Diante dessa perspectiva, é esperado que a abordagem de gênero nas aulas de Educação Física permita que os indivíduos



compreendam como as construções sociais e culturais influenciam as percepções sobre masculinidade e feminilidade, bem como os estereótipos de gênero e suas atribuições sociais que podem perpetuar desigualdades e propiciar a vivência de situações conflituosas que podem ser desenvolvedoras e ou desencadeadoras de ansiedade.

Neste sentido, se faz importante compreender o papel do professor, com ênfase ao papel do professor na disciplina Educação Física. Para Galvão (2002) o professor exerce uma função única dentro da escola. Ele é o elemento de ligação entre o contexto escolar, a sociedade, o conhecimento dinâmico e o aluno. Logo se vê que o professor é um mediador dos temas voltados para o ambiente escolar, previsto nas diretrizes curriculares nacionais, mas também são importantes agentes na interlocução direta de temas intra e extraescolares, presentes no dia a dia dos sujeitos. Sendo válido ressaltar também que há décadas questões de gênero são vinculadas a temas transversais e alinhadas às propostas pedagógicas de documentos da educação brasileira como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas o diálogo entre teoria e a prática propriamente dita se faz possível e presente?

A partir desse preâmbulo entre o papel formador da escola, a disciplina Educação Física como locus de práticas corporais/sociais, imbricada nessa formação dos sujeitos e a temática gênero como um desafio social contemporâneo, os futuros professores de Educação Física, devem se sentir instigados a pesquisar em que medida as aulas de Educação Física podem ser um espaço para a discussão e/ou construção de sujeitos mais empáticos com as diferenças, ou ainda, ser um espaço reprodutor dos preconceitos sociais pelo próprio processo histórico da disciplina e da sociedade.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

- Investigar em que medida o ambiente das aulas de Educação Física no ensino médio do Instituto Federal – Campus Ouro Preto propicia o aparecimento de situações desconfortáveis desencadeadas pela temática gênero

### **2.2. Objetivo Específico**

- Compreender qual a percepção dos professores e dos alunos quanto a abordagem da temática gênero nas aulas de Educação Física.
- Analisar se o planejamento das aulas de Educação Física inclui a temática gênero.
- Verificar em que medida situações desconfortáveis relativas à temática de gênero aparecem durante as aulas de Educação Física e como elas são tratadas, a partir da percepção dos professores e alunos.
- Identificar possíveis fatores que provocam a ansiedade nos alunos do ensino médio, durante aulas de Educação Física, relacionados ao gênero.

### **3. JUSTIFICATIVA**

A Educação Física por ser uma disciplina eminentemente prática tende a possibilitar a expressão dos corpos, dos jeitos, dos pensamentos críticos e das opiniões dos alunos, e nestas expressões podem surgir diversas problemáticas, como por exemplo, questões ligadas ao gênero, a partir das atividades construídas e vivenciadas em aulas. Nesta perspectiva, se faz interessante pensar como o aparecimento destas temáticas podem impactar os principais sujeitos envolvidos no processo educacional, alunos e professores. Somado a isso, é preciso considerar que nos últimos anos, período pandêmico e pós pandêmico, houve um aumento significativo no aparecimento de algum nível de ansiedade na população, ainda mais agravante, ao se considerar que essa pesquisa abrange os sujeitos na adolescência, que é um momento de inúmeros descobrimentos e estresses. Assim, entender os sentimentos e as sensações de professores e alunos sobre tais temáticas e o que as mesmas causam em seus corpos, pode auxiliar para que haja adequações nas aulas de Educação Física, reduzindo desconfortos e constrangimentos que podem influenciar no desenvolvimento e/ou aparecimento de ansiedade.

#### 4. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa que tem como objeto de estudo sentimentos e sensações de um grupo alvo, está se caracteriza como uma abordagem qualitativa. Conforme Alves e Aquino (2012, p. 81)

A pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais.

Seguindo essa premissa, faz-se evidente que quando o que se procura pesquisar é parte de um sujeito e de suas relações com a sociedade e mundo, como em especial neste trabalho, o qual procura entender os alunos matriculados no IFMG - Campus Ouro Preto do ensino médio do 3º ano, com foco em suas relações com o gênero a partir das suas vivências na Educação Física escolar, entende-se que se faz necessário um olhar mais amplo em questões aparentes, mas também aspectos mais superficiais de acordo com o pesquisado, como salientado por Godoy (1995, p.21):

Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Na intenção de obter os dados necessários para esta pesquisa, foi feita a confecção de 2 questionários, um para os docentes e outro para os discentes, sendo ambos através da plataforma Google Formulários. Neste sentido, foram elaboradas 20 questões para o questionário dos docentes e 23 questões para os discentes, dentre as quais, pode-se observar perguntas fechadas, abertas e com uso da escala de Likert. Assim, a partir disso, foi feito o envio através da plataforma digital *WhatsApp*, *App* que permitiu contato direto com os envolvidos, sendo realizados utilizando os grupos de *WhatsApp* das turmas alvo, em

especial, mas em alguns casos, como para os alunos identificados com menos de 18 anos, os envios foram feitos em seus contatos particulares, para facilitar retiradas de dúvidas, bem como incentivá-los a responderem os questionários, o mesmo foi feito com os professores, para os quais todas as informações foram passadas através de seu contatos privados. O recorte temporal de resolução destes questionários foi marcado tendo início no dia 20 de novembro de 2023 e término no dia 20 de dezembro de 2023.

Dentre os questionários dos alunos, foi feita uma divisão entre alunos com idade igual ou superior a 18 anos e alunos com idade inferior a 18 anos, esta divisão é justificada, uma vez que os alunos com maioridade já podem responder por si mesmos, não tendo a necessidade de ter assentimento dos pais como no caso dos alunos com menos de 18 anos. Após a coleta de dados visualizamos que a maioria das respostas obtidas são referentes ao grupo de alunos com maioridade, sendo cerca de 87.5%, para 12.5% para os restantes dos alunos. Então boa parte das respostas que não foram possíveis ser obtidas são referentes ao grupo de alunos com idade inferior a 18 anos que por motivos diversos, como a não abertura para diálogo sobre tais temas com os pais e/ou responsáveis, a desmotivação e interesse pela pesquisa, entre outros, puderam ser decisivos e justificantes para as porcentagens acima descritas.

Também foi feita uma análise dos planejamentos anuais de 3 dos professores responsáveis por turma dos terceiros anos do instituto. Assim foi feita uma busca sobre possíveis planejamentos acerca da abordagem de gênero e temas afins realizados por tais professores ou mesmo a não utilização sistematizada de tais temas com seus respectivos alunos. Todas as trocas de informações foram feitas utilizando contato privado do WhatsApp dos professores contribuintes com a pesquisa.

A análise de dados foi feita utilizando o Google planilhas e o Google formulários, através das respostas obtidas dos formulários e com isso foram feitas algumas separações por categorias criadas a posteriori, sendo elas: Entendimentos sobre as aulas de Educação Física no instituto; Planejamento, execução das aulas e sentimentos dos professores e alunos a partir dos conteúdos da Educação

Física; O aparecimento de situações desconfortáveis, constrangedoras e ansiedade a partir do gênero nas aulas de Educação Física.

Além disso, por possuir assuntos delicados podendo haver o risco de desencadear situações de constrangimento, iniciar situações de conflitos e trazer à tona possíveis traumas com a temática, mas também poder oferecer a oportunidade de reflexão coletiva, evidenciar a seriedade do gênero nas aulas de Educação Física e diminuir banalizações sobre tal temática, foi necessário a utilização das recomendações e aprovação do comitê de ética em Pesquisa da UFOP com CAAE: 68154123.2.0000.5150 bem como os documentos: Termo de anuência do IFMG campus Ouro Preto, termo de assentimento dos pais e/ou responsáveis (TALE) e de consentimento dos alunos (TCLE) , sendo cabível salientar que a coleta de dados só teve início após aprovação do Projeto pelo CEP-UFOP.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários da pesquisa foram entregues para um total de 257 alunos do 3º ano e para 6 professores de Educação Física da referida instituição. Destes tivemos um retorno de 84 respostas referente ao grupo de alunos e 6 ao grupo de professores. Assim foram separados dois grupos de análise, sendo eles: Visão docente (grupo 1) e Visão discente (grupo 2). A separação destes grupos visava compreender a percepção dos alunos e professores sobre o cotidiano das aulas de Educação Física no Instituto, bem como o entendimento acerca da temática gênero a partir das vivências das aulas e sua relação com o aparecimento de situações desconfortáveis e ansiedade nos alunos. Assim, a análise dos dados foi feita a partir da criação de três categorias a posteriori que dialogam com a temática em questão, sendo estas: Entendimentos sobre as aulas de Educação Física no instituto; Planejamento, execução das aulas e sentimentos dos professores e alunos a partir dos conteúdos da Educação Física; O aparecimento de situações desconfortáveis, constrangedoras e ansiedade a partir do gênero nas aulas de Educação Física.

A análise de dados tem início por aspectos ligados às forma e formatos da Educação Física no Instituto, desde como os alunos são separados nas aulas e em atividades coletivas, à postura dos professores, identificação com os conteúdos da Educação Física e a análise da frequência dos alunos. Compreender estas questões se faz importante para situar algumas características que podem ser importantes para se entender os sujeitos pesquisados, bem como os dados que serão apresentados de acordo com a pesquisa.

Em relação às aulas de Educação Física, 94.8% dos alunos evidenciaram que as aulas são mistas, assim majoritariamente, as aulas de Educação Física são praticadas de forma coletiva entre indivíduos de gênero diferentes. Além disso, os professores, segundo 46% dos alunos, apresentam uma postura compreensiva, (25,9%) mediador, (8,6%) é avaliador e por fim (1,7%) dizem que o professor é compreensivo e dinâmico, o que conversa muito com a perspectiva apontada pelos próprios professores, que entendem sua prática sendo 50%

compreensivo e 50% engajado, mesmo assumindo outras posturas a depender da situação encarada, das características de cada turma e da atividade a ser trabalhada.

Sobre as visões dos alunos acerca de incentivos dados pelos professores aos mesmos, entende-se que os professores incentivam a participação de todos em suas aulas. Assim sendo, a maioria dos alunos são frequentes nas aulas, mas 13.8% só participam para não reprovarem por falta e 15.5% participa dependendo do conteúdo a ser trabalhado. Já na percepção dos professores, 50% entendem que os alunos são participativos e 50% veem que são presentes, mas depende do conteúdo a ser trabalhado. O que faz necessário entender quais conteúdos os alunos mais se identificam dentre os conteúdos da Educação Física.

Para melhor compreensão dessa identificação dos alunos em relação aos conteúdos da Educação Física, foi feita a separação das respostas de acordo com a identificação de gênero coletada e, com isso, utilizando da escala de Likert, foram agrupadas as respostas onde, respostas entre 1 e 2 na escala foram aglutinadas em uma perspectiva de não se identificar, enquanto as respostas entre 4 e 5 foram agrupadas no grupo de alunos que se identificam, sendo que a categoria mediana foi desconsiderada (figura 1 e 2). A partir disso, entre os conteúdos que os alunos mais se identificaram podemos citar lazer, jogos e brincadeiras, práticas corporais de aventura e esportes, enquanto danças e lutas, ficaram entre os menos favoritos e houve uma certa igualdade ao se tratar das ginásticas.

Compreendendo as diferenças construídas culturalmente entre o ser homem e mulher, podemos visualizar que entre as respostas obtidas abordando aspectos sobre os conteúdos da Educação Física, houve uma inversão de proporções da identificação em determinados conteúdos entre homens e mulheres, sendo estes, danças e ginásticas, ou seja, os sujeitos identificados como masculinos apresentaram menor identificação com estes conteúdos em relação às mulheres, em contrapartida os mesmos apresentaram uma maioridade em



relação aos conteúdos lutas e esportes. De acordo com o descrito por Deivid et al. (2020, p.50) sobre as identidades masculinas e femininas:

Ser homem requer a adoção de uma identidade masculina, e ser mulher uma identidade feminina, logo, na escola e nas aulas de Educação Física escolar (EF<sub>e</sub>) espera-se de meninos e meninas comportamentos diferenciados e opostos: meninos jogam futebol, esportes de contato e ocupam os espaços, enquanto meninas dançam e se envolvem com atividades mais passivas.

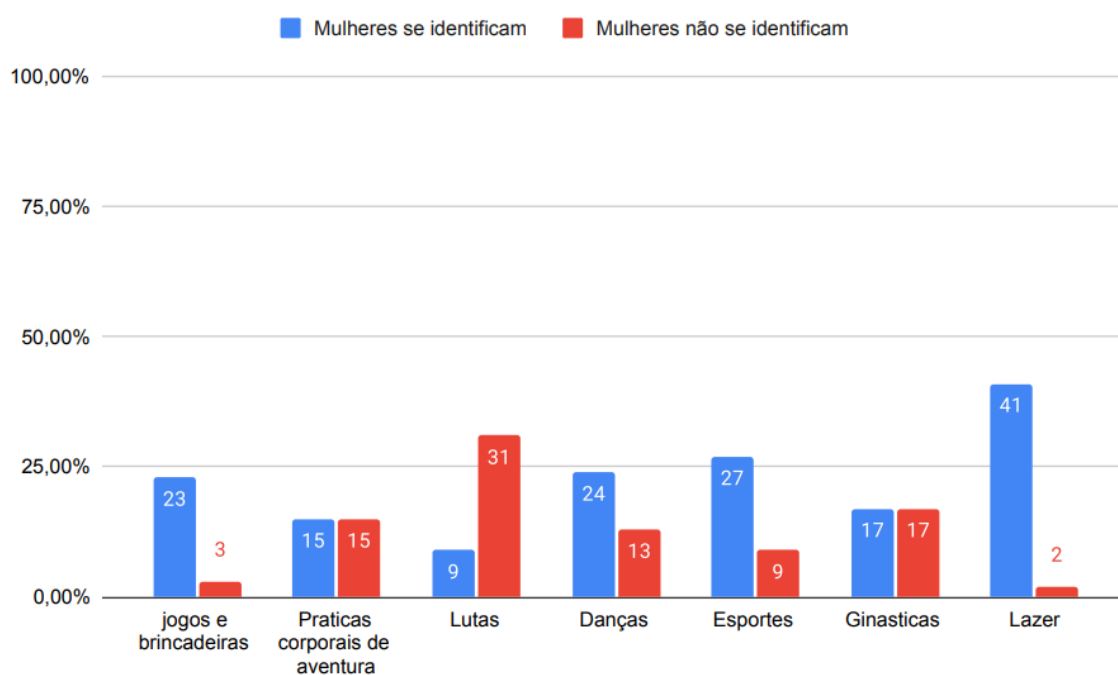


Figura 1 - Nível de identificação das mulheres em relação aos conteúdos da Educação Física.

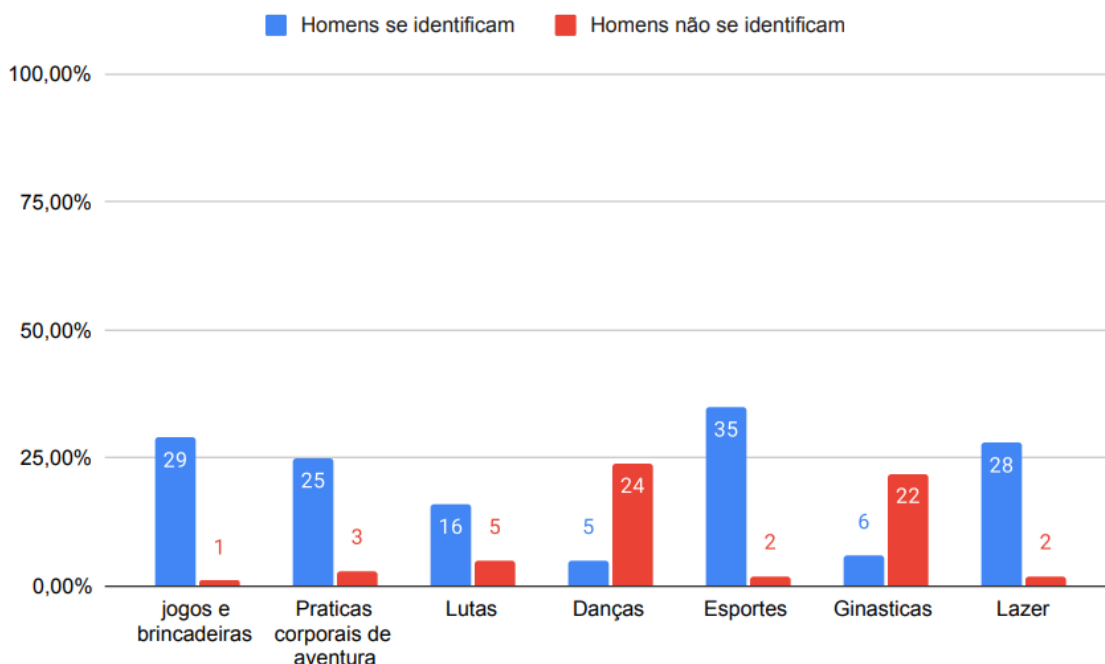


Figura 2 - Nível de identificação dos homens em relação aos conteúdos da Educação Física.

Questionando diretamente esta percepção de identificação dos alunos em relação a tópicos da Educação Física, ao se perguntar sobre a existência de esportes mais propícios para homens e mulheres, foi constatado que 51.1% compreendem que não há esportes mais propícios para determinado gênero, enquanto 48.8% pensam o oposto. Neste sentido, por mais que uma maioria entenda que o esporte pode ser uma possibilidade para todos, grande parte ainda traz consigo essa separação do esporte por gênero, por inúmeros fatores relatados pelos alunos e que podem ser usados como base para se limitar, bem como limitar o próximo, enquadrando-os em determinadas modalidades esportivas de acordo com construções tendenciosas de gênero. O mesmo pode ser representado na fala da aluna 59:

No caso do futebol, na minha antiga escola, somente os meninos jogavam. Não era uma proibição a participação de meninas, porém já era dito que "os meninos jogam futebol na metade da quadra e as meninas jogam queimada na outra metade". Nunca fui encorajada a jogar futebol dentro do contexto escolar e familiar. (Aluna 59)

E este pensamento se repete na compreensão da aluna 38 quando diz “Futebol, já que o futebol feminino não é tão valorizado no instituto como o futebol masculino”, isso nos fornece a sua percepção tanto do gênero nos esportes, quanto às suas relações no Instituto e seu cotidiano que corrobora com a aluna 67 ao falar que “Basquete na escola, apesar de não ser um esporte valorizado, ele é majoritariamente masculino. As meninas que lutam pela participação no futsal, vem sofrendo [falas] como "futsal feminino nem tem graça" são frases assim e o apoio que mostra o quanto o esporte por prática feminina é desvalorizado”.

Nesta perspectiva, “o ser professor” também está ligado a entender essas subjetividades e dialogar com práticas que diminuam essa lacuna entre os conteúdos que muitas vezes são direcionados para determinado gênero. Assim se faz importante entender o professor neste contexto. Entre os professores pesquisados, aqueles que possuem um maior tempo de formação relataram não ter tido momentos de discussão sobre a temática gênero durante a graduação, o que não aconteceu com os professores formados mais recentemente, evidenciando a ascensão da temática na Educação Física. Isso se faz aparente também quando os professores com menos tempo de formação relatam que abordam sempre ou muito as temáticas de gênero na suas aulas, enquanto os professores com maiores tempos de formação disseram que às vezes abordam tal temática, mas entende-se que de forma reduzida aos demais.

A análise documental dialoga diretamente com essas questões acerca do professor, sendo feita com base nos planejamentos anuais de 3 professores que estão atuando com turmas dos terceiros anos no período desta pesquisa, bem como o plano de curso do IFMG - Campus Ouro Preto. Nesta perspectiva foram feitas buscas através das palavras chaves Gênero e Sexualidade, além da procura de outras colocações que podem ser entendidas como referentes à temática gênero. Através das análises foi identificado que em nenhum dos planejamentos anuais dos terceiros anos houve a presença das palavras gênero e sexualidade, mas em todos foram identificados uma preocupação com o cuidado com o próprio corpo e com o corpo dos próximos, o que pode ser

subentendido que, de certo modo, nestes momentos o gênero pode ser mencionado, além disso, ao realizar as buscas no plano de curso do IFMG, foi visto que se faz objetivo do instituto trabalhar com valores sociais e nestes as questões de gênero podem ser emergentes.

Somado a isso, a percepção sobre o grau de importância desta temática também foi relatada, o que aponta certos desencontros entre o que dito e o que é feito, uma vez que entre os professores, 100% demonstraram estar cientes da importância da temática nas aulas de Educação Física, mas este dado vai em oposição ao aparecimento de tópicos correlatos ao gênero, ao analisar os planejamentos anuais para os terceiros anos. Isso implica diretamente na forma como este tema é trabalhado, dando indícios de que o mesmo não é posto de forma organizada, estruturada e sistematizada para os alunos, surgindo assim a partir de demandas imediatas e este contexto pode ser notado pelos alunos, evidenciado através da fala da aluna 74 “Acredito que quando esses temas são abordados algo aconteceu relacionado a eles, acho que eles não estão propriamente ditos e descritos no planejamento de conteúdo.”, neste sentido, o trabalho desta temática fica carente de um início, meio e fim, podendo causar falhas no processo de ensino e aprendizado, ligados a tal temática.

Já na perspectiva dos alunos a partir da importância que os mesmos relataram, 71.4% entendem a importância da abordagem de gênero na Educação Física, mas não é uma unanimidade, uma vez que 8.3% não veem ou consideram pouco importante tal temática, além de 20,2% que se enquadraram em uma categoria mediana a essa questão. Em contrapartida, apesar de uma maioria identificar a temática como importante nas aulas de Educação Física, a maior parte dos alunos não se propuseram em responder um questionário que vai em prol a temática, isso pode ter ocorrido por diferentes motivos, desde a dependência dos alunos com menos de 18 anos a seus pais, sendo estes o grupo de alunos com menos respostas no questionário, como também uma desvalorização ou o sentimento de não necessidade dos mesmos com o tema, como falado pelo aluno 06 “Há intencionalidade por ser um assunto importante de ser abordado, mas particularmente nas nossas aulas de educação física, nunca foi necessário

trabalhar essas questões relacionando-as às situações ocorridas durante as aulas.”.

Tal fala traz uma visão sobre a abordagem de gênero nas aulas de Educação Física, que vai em favor à percepção dos alunos em relação a frequência em que o gênero é abordado em suas aulas, onde 58,3% dos alunos pesquisados não presenciam ou presenciam pouco o trabalho docente sobre tais temas, ou seja, algo entre essa relação professor e aluno não está tornando o trabalho de gênero reportado pelo professores evidente para mais da metade dos alunos, representado pela aluna 65 “Não, pois falta esse tipo de temática nas aulas”, bem como pela aluna 45 “A temática gênero não é abordada nas aulas” e outras, que vão em sentido oposto, uma vez considerando que 3 professores evidenciaram que abordam gênero com frequência mediana, 2 abordam muitas vezes e 1 sempre trabalha com gênero em suas aulas, mas todos os professores relataram que a maior parte das abordagens são feitas de acordo com situações problemas, que surgem durante as aulas e trazem algum tipo de desconforto aos envolvidos.

Dessa forma, quando o professor tem a intenção de trabalhar essa temática dentro do seu planejamento, para que as aulas se tornem um espaço de construção de igualdade, podem ser fomentadas propostas como debates, rodas de conversas, pesquisas e entre outros, buscando estratégias para poder introduzir e trabalhar o tema com os alunos para que eles possam ter reflexões e pensamentos críticos, respeitando as diversidades, sejam elas raciais, culturais, éticas, valores e crenças de seus alunos. A temática gênero pode ser imbuída a aula, como temas que dialogam, por exemplo, com algum esporte e a participação dos sujeitos nos mesmos ou quando ocorre alguma situação de desconforto na aula, corroborando a fala do Professor 1:

Intencional, quando o tema da aula é pertinente (ex: participação feminina em determinados esportes, diferenças entre visibilidade nesses esportes, sensualização da mulher nos esportes, etc.) ou quando as situações de aula poderiam gerar algum desconforto (por exemplo, quando alguma menina se sente envergonhada de ir na

piscina ou de fazer determinada atividade em que se sentiria "exposta"  
(Professor 1)

Na perspectiva de compreender em quais momentos o desconforto pode produzir ansiedade nos alunos durante as aulas de EF os professores relataram algumas situações que normalmente desencadeiam a abordagem de gênero, como: a exposição do corpo e a execução de movimentos que não são do cotidiano dos alunos, o medo de algumas meninas em relação ao assédio e também questões discriminatórias ligadas a raça e cor que são expressadas em forma de “brincadeiras”. Atrelado a isso, entende-se que se faz importante entender a visão dos alunos, sendo que a maioria relatou não sentir desconforto a partir das práticas da Educação Física (Figura 3).

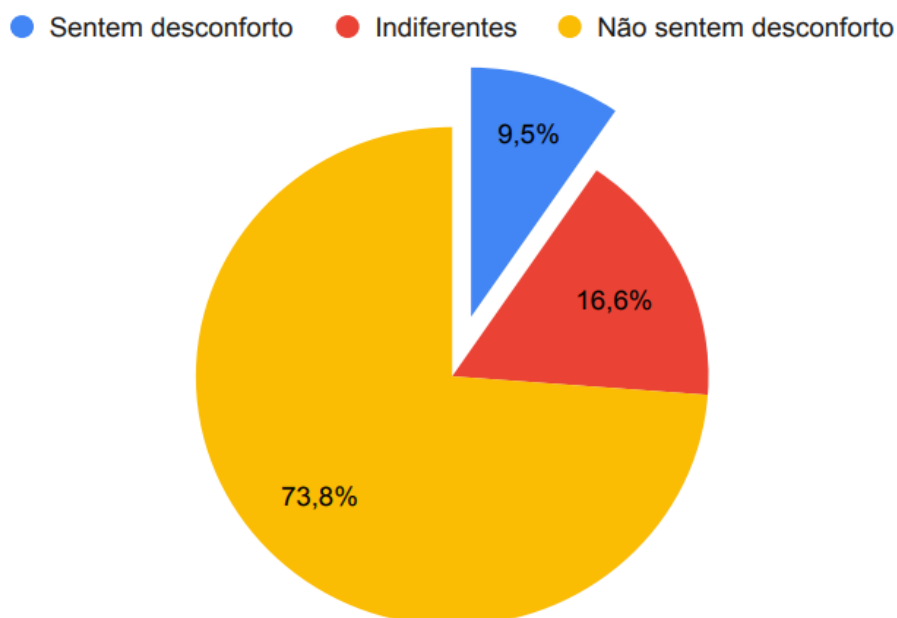


Figura 3 - Alunos que sentem algum nível de desconforto nas aulas de Educação Física

Ao se considerar que no ambiente escolar são evidenciados aspectos da sociedade a qual vivemos, o gráfico da figura 2 nos mostra que é uma minoria que sente desconforto a partir das aulas de Educação Física, uma vez levando em conta que a sociedade tem bases construídas em uma heteronormatividade, cisgeneridade e no machismo. Logo, o olhar para esses 9,5% que sentem desconforto, não deve ser feito numa perspectiva de alívio e sim, de forma

atenta, pois há sujeitos que estão desconfortáveis. Para entender em quais momentos o desconforto é gerado e sentido, ao se perguntar sobre o nível de desconforto em alguns temas presentes nas aulas de Educação Física (Figura 4), foi identificado que entre eles, o contato físico, usar roupas específicas da Educação Física e ter que realizar atividade com pessoas do sexo oposto foram os maiores apontamentos dos alunos.

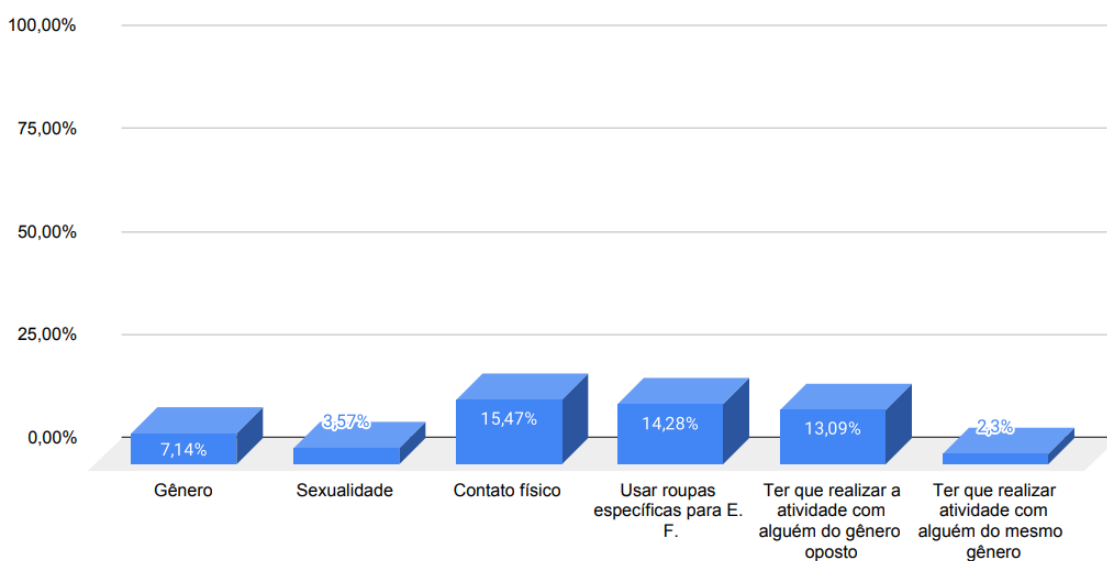


Figura 4 - Percepção dos alunos sobre o nível de desconforto que alguns temas presentes na Educação Física causam nos alunos

A partir destes apontamentos feitos pelos alunos, cerca de 17% concordaram que já vivenciaram alguma atitude que pode ser entendida como negativa e se faz importante analisá-las. Dentre elas podemos destacar o relato de assédio expressado através de desrespeitos com o gênero oposto, olhares, falas e gestos maliciosos, além de comentários que colocam à prova as capacidades físicas e habilidades das meninas, bem como a própria divisão de grupos durante as aulas. Assim corroborando com os dados também analisados pela pesquisa realizada por Vasques e Wittizorecki (2023, p.12):

A participação em atividades em grupo em aulas de Educação Física pode, inicialmente, exigir que o estudante mostre o seu corpo em movimento, o que pode ser desconfortável ou mesmo muito difícil para alguns estudantes que estejam com sentimentos de vergonha ou medo muito internalizados; Ainda, esse tipo de atividade corporal pode

demandar, mesmo que de forma não dita, uma certa comparação objetiva de habilidades físicas-corporais, razão pela qual alunos com pouca experiência em determinada modalidade esportiva ou prática corporal podem se autocoercer.

Nesta perspectiva do aparecimento de situações desconfortáveis passíveis de provocarem ansiedade, buscou-se compreender como os alunos se percebem nessa temática fora e dentro das aulas de Educação Física. Assim foi visto que 28.5% sentem ansiedade sempre, 23.7% sentem muita ansiedade, 28.8% sentem ansiedade moderadamente, 11.9% sentem um pouco de ansiedade e 10.2% não sentem ansiedade, o que mostra que 52.2% dos alunos apresentam frequentemente um alto nível de ansiedade, segundo uma auto observação, se enquadrando em uma maioria e isso vai em conjunto com as observações dos professores os quais 80% sentem que seus alunos se enquadram em uma categoria de muita ansiedade, e 20% os enquadraram em uma categoria mediana, reforçando a ideia de que a ansiedade é algo presente na vida destes estudantes.

Vale a ressalva de que ao se pesquisar sobre aspectos relacionados à ansiedade se faz necessário situar que tal estudo foi realizado em um período pós pandemia do COVID-19, que foi um momento de grandes fragilidades para toda a população, mas em especial os adolescentes que podem estar altamente expostos a estressores psicossociais gerados pela pandemia (Rego e Maia, 2020, p.2), assim durante o período da pandemia, o mundo passou por um período de isolamento social, sendo essa uma das estratégias de contenção do vírus e, devido a isso e aos desdobramentos de todo o contexto pandêmico, os jovens e adolescentes tiveram um grande impacto na sua saúde mental, os quais, podem ter influências a longo prazo devido a este contexto, como: “estresse crônico e agudo, preocupação com suas famílias, luto inesperado, interrupção repentina da escola e confinamento em casa em muitos países, maior tempo de acesso à internet, além de preocupação com o futuro econômico de sua família e país” (Guessoum et al., 2020, p.2), sendo um fator que pôde ter influência, na percepção dos alunos e professores sobre a ansiedade nos alunos acima citadas.



Ao se relacionar a ansiedade e as aulas de Educação Física, aparecem algumas repostas dos professores e alunos que auxiliam a compreensão de tal relação, dentre as quais podemos destacar a resposta do professor 2 sobre a sua percepção de situações de ansiedade dos alunos durante as aulas de Educação Física:

Às vezes a ansiedade está presente por outros motivos externos à aula. Ligado a aula diretamente lembro muito do festival de ritmo e movimento, em que os estudantes em geral ficam muito tensos. Mas, mais diretamente ligada a uma aula, lembro que no ano passado uma aluna chorou na primeira aula que tivemos, que trabalhamos uma atividade de queimada. Precisei fazer um longo trabalho com ela ao longo do ano, que acabou funcionando, mas o choro na primeira aula foi bem marcante (Professor 2)

Através desta colocação pode-se compreender duas dimensões. O processo de se apresentar, traz consigo o aparecimento de diferentes sentimentos e sensações, que estão ligados a experiência de se expressar frente ao outro, que é corroborado quando os alunos relatam que sentem ansiosos em situações como a descrita na fala do aluno número 3 “Sim, nos momentos anteriores a uma apresentação de dança para a escola inteira. ”, bem como a do aluno 75 “Sim. Quando tem que dançar, fazer ginástica. ” e também a do aluno 14 “Sim, sendo pressionado em apresentações.”. Além disso, podemos compreender também o aparecimento de algumas reações psicológicas, como no caso relatado da crise de choro, onde pode-se entender que “A ansiedade pode gerar reações psicológicas como: irritabilidade, diminuição da concentração, e fisiológicas como: insegurança e instabilidade de humor” (Machado et.al, 2016, apud Venâncio et al. 2022), ou seja, as aulas de Educação Físicas podem trazer gatilhos que trazem a tona algumas questões, dentre elas, a ansiedade.

Assim, cerca de 37,14% dos alunos relataram que sentem ou já sentiram ansiedade a partir das práticas da Educação Física, sendo relacionada a tópicos como a realização de atividades de determinadas modalidades entendidas como desafiadoras para os alunos, a obrigatoriedade da prática e em aulas onde o corpo era posto em destaque trazendo sentimentos de vulnerabilidade e

insegurança, como abordado pela aluna 25 que diz que já se sentiu ansiosa quando “em situações onde precisava fazer esforço com o braço (vôlei/queimada) pois sei que minhas colegas me acham fraca para executar tais tarefas.”, corroborando com a pesquisa de Tavares et al. (2020) que aponta que “na adolescência a ansiedade tem muita relação com temas relacionados ao ambiente escolar, ao estudo e desempenho nos esportes”. Nesta perspectiva, podemos buscar entender como Educação Física pode atuar fomentando o aparecimento destas situações, através da discussão sobre essa temática feita por Prado e Ribeiro (2010), a partir dos estudos realizados por Goffman (1975):

Ao elegerem determinada estrutura ou composição corporal como condição indispensável a uma boa performance nas atividades esportivas; designar as atividades corporais que melhor se enquadrariam às práticas masculinas ou femininas; ou reconhecer particularidades de gostos, atitudes, movimentos ou vestimentas como inapropriados para “tal sexo”, durante suas vivências escolares os/as estudantes podem acabar por agrupar-se em “nichos” de normalidade ou anormalidade em relação aos comportamentos esperados para os sujeitos na sociedade.

(PRADO; RIBEIRO, 2010, p.403)

A partir disso, os alunos podem acabar passando por algumas situações que envolvem comentários negativos e/ou maldosos sobre suas diferenças, que atrelam visões de não pertencimento, bem como constrangimento no ambiente das práticas da Educação Física. Segundo o professor 3, durante as aulas acontecem algumas situações que podem provocar tais sentimentos, sendo descritas quando o mesmo entende que:

Ainda que no terceiro ano os alunos não se separam mais por gênero e se misturam nas situações de aprendizagem, ainda é necessário em determinados momentos discutir questões de separação de equipes (que devem ser mistas, equilibradas, inclusivas). Às vezes há comentários sobre capacidades físicas e orientados ao corpo feminino.

(Professor 3)

Que são alinhadas tanto à fala da aluna 25 em relação a percepção e comparação de força com os demais colegas, como também pela aluna 15 quando diz sobre o constrangimento sentido “Sim, quando não consegui alcançar os objetivos da equipe e fui julgada por isso”, bem como pela aluna 52 “Sim, quando não consegui praticar algum esporte que demanda habilidade como o vôlei, me senti constrangida por não conseguir jogar direito e por atrapalhar meus colegas”. Neste sentido, as percepções destes alunos contribuem para o entendimento de que as diferenças corporais, sociais e culturais dos indivíduos podem estar relacionadas, em certo modo, ao aparecimento destes sentimentos quando, debatido sobre as ações dos professores de acordo com o aparecimento destas situações correlatas no estudo realizado por Prado e Ribeiro (2010, p.404):

Com isso, ao se deparar com situações onde uma aparente diferença passa a ser motivo de discordância entre o grupo durante aulas de Educação Física na escola, professores/as responsáveis pela disciplina, em muitos casos, não problematizam a dimensão cultural do comportamento e a atuação dos discursos sociais na tentativa de padronização das vivências e experiências humanas.

Na mesma linha de pensamento a frase da aluna 59 dialoga sobre suas percepções nas vivências da Educação Física que discursa sobre a sensação de constrangimento: “Sim. Não sou uma pessoa muito atlética e já fui muito constrangida por colegas durante as aulas no fundamental. Infelizmente essa é uma das situações que colaboram para o Bullying, quando não há um mediador que interfira”, ou seja, a prática docente neste cenário é fundamental para fazer a interlocução entre aspectos sociais e a prática propriamente dita, para que ao chegar na última etapa do ensino básico, os mesmos tenham consciência de como seus corpos se expressam e os sentidos e significados que podem ser atrelados a tais expressões. Assim, torna-se fundamental que nesse longo processo educacional da cultura corporal de movimento, os alunos e alunas possam aceitar seus corpos, suas habilidades e suas limitações compreendendo as diferenças como possibilidades e não como insuficiência.

Ao analisar as respostas dos questionários, ainda nesta perspectiva do desconforto, foi possível visualizar como se dão, em alguns momentos, o aparecimento de situações desconfortáveis e constrangedoras. Diferentes sujeitos citaram no questionário os momentos nos quais se sentiram constrangidos. Essas situações foram anunciadas na diversidade das práticas não cabendo um único fato ou mesmo atividade, mas interagindo com diferentes ações e verbalizações que culminam na depreciação do outro. Questões que vão desde a ridicularização de pessoas com menos habilidades por pessoas mais habilidosas, a ser a última pessoa escolhida nas atividades, foram frequentes sentimentos como não sentir-se apta a participar de todas as aulas, por diferentes motivos (alguma cirurgia e/ou restrições do movimento), como também a percepção limitante acerca das suas capacidades físicas, que fomentam um processo de exclusão dentro das aulas de Educação Física e dialoga com o pensamento de Oliveira e Neto (2023, p. 3) quando diz que “as diferenças de gênero resultam em exclusão das meninas por parte dos meninos por elas serem consideradas menos habilidosas”. A suposta diferença de habilidades motoras também foi uma percepção levantada em algumas respostas dos professores sobre situações que causam desconforto em relação às diferenças de gênero.

Outra perspectiva que causa impacto nos alunos a partir das expressões de gênero causando desconforto e ansiedade nos mesmos, e que foi relatado tanto pelos professores, quanto pelos alunos são os assédios que muitas vezes são enfrentados por mulheres. Isso enfatiza uma situação problemática ligada, muitas vezes, à sexualização do corpo feminino. Esta situação pode ser entendida a partir do modelo da nossa sociedade, na qual o sexismo ainda possui vigência. Neste sentido, o mesmo se atrela ao fato da mulher em muitas situações ainda ser considerada inferior ao homem, tendo inclusive seus direitos ao estudo, ao voto e ao trabalho, conquistados há pouquíssimo tempo no percurso da história e ser atribuído como normalidade os afazeres domésticos e cuidados com a família. Discutir a respeito da temática gênero em uma sociedade que ainda possui pensamentos e atitudes sexistas, se torna uma dificuldade. Visto também o fato das mulheres no mercado de trabalho ainda

ganharem um salário inferior ao de um homem. Corroborando ao pensamento de Souza e Lopez (2019):

Na sociedade machista, misógina e patriarcal, às mulheres foram negados o estudo, o trabalho remunerado e as escolhas particulares, deixando-as por muito tempo confinadas no espaço privado, responsáveis por todas as tarefas domésticas e sem participação política. Depois de muita luta de mulheres por uma libertação patriarcal, alguns pontos mudaram e diretos foram lentamente adquiridos. Mas a sociedade ainda é machista e a cultura é de violência contra a mulher, visto que apesar das mudanças, ainda estamos em uma realidade capitalista cuja lógica transforma quase tudo em mercadoria, até mesmo as mulheres. Abrir espaço para algumas mudanças faz parte inclusive dessa racionalidade capitalista, que tenta se apropriar até mesmo das lutas, cedendo em alguns pontos, para manter sua hegemonia. ” (SOUZA; LOPES, 2019, p. 25).

E esta questão na Educação Física traz uma série de desdobramentos, uma vez considerando a expressividade e o destaque dado aos corpos, sendo relatados em algumas respostas como: A insegurança nas práticas na piscina, bem como o uso de vestimentas para tal ocasião, que de certo modo, dialogam com as descrições feitas pelo um professor 1 e 2, sobre situações que causam algum constrangimento nos alunos, a quais retratam o mencionado acima:

Sim, em atividades na piscina, ou em atividades que demandem algum movimento ou posição em que geralmente as meninas não se sentem confortáveis (por exemplo "carrinho de mão"). (Professor 1)

[...]E uma das minhas turmas está passando por um processo de denúncia de assédio, que tem acirrado as relações da turma. A última aula não foi dada na piscina pois as alunas estavam com medo do menino acusado aparecer (Professor 2)

Tais relatos nos fornecem informações sobre possíveis situações que podem causar certos constrangimentos, mas em especial essa problemática do assédio, que denota uma série de sentimentos e sensações para um grupo que é posto

em um local de desconforto e insegurança a ponto de se negarem a participar de uma aula coletiva, assim como discutido por Paim (2009, p. 1):

Nesse caso, quando os estereótipos ou preconceitos de gênero atacam direta e individualmente a mulheres, ferindo-as psicologicamente, transformando em obstáculos e impedimentos para participação e progressão da mulher em qualquer terreno esportivo, estamos diante de um quadro de violência, neste caso violência de gênero.

Ao analisar as respostas quando perguntado sobre a diferença entre gênero e sexualidade, percebe-se uma confusão com a descrição de cada termo, podendo ser correspondida ao analisar a resposta dos alunos que dizem: “Sexualidade é o que a pessoa se identifica e gênero é o sexo do indivíduo” (Aluno 26), “para mim, gênero e sexualidade não são diferentes.” (Aluno 3), “Homem e mulher” (Aluno 53), “Gênero tem a ver com como você se identifica e se vê (feminino, masculino, gênero fluido, não binário) Sexualidade tem a ver com sua atração física e sexual (atração pelo mesmo gênero, pelo gênero oposto, por mais de um gênero, por nenhum gênero).” (Aluno 58). O que pode nos ajudar a entender que o nível de entendimento sobre tais temáticas é bem discrepante. Em alguns momentos são ligadas questões biologicistas que podem ser limitantes e excludentes ao se considerar todas as possibilidades de gênero, além de apresentarem equívocos em algumas respostas, evidenciando que a diferenciação entre esses termos ainda se faz pouco inteligível para os alunos, bem como o entendimento de gênero, indo muitas vezes em caminho a falas que podem ser problemáticas.

Por se tratar dos 3º anos, entendido como a última etapa de um longo processo educacional, seria desejável que o nível de conhecimento sobre essas questões fosse maior e mais igualitário, mesmo considerando que 56.3% relacionam o gênero a aspectos ligados à cultura e sociedade em que estão inseridos. Assim, a partir das respostas obtidas, podemos enquadrá-las em algumas categorias para ajudar o entendimento, as quais estão ligadas com a similaridades entre as respostas, sendo elas: Aspectos biológicos, construção social e cultural, ambos possuem a mesma definição, não sei e não responderam. A partir destas categorias pode-se visualizar que 56.25% entendem gênero como uma

construção social e cultural, 31.25% compreendem o gênero apenas em um aspecto biológico, 6.25% não sabiam a diferença entre os dois termos, 5% não responderam e 1.25% não compreendem as diferenças entre as terminologias (figura 5).

● Respostas biologicistas ● Respostas ligadas a construção cultural e social do gênero  
 ● Não sei ● Não responderam ● gênero e sexualidade não são diferentes

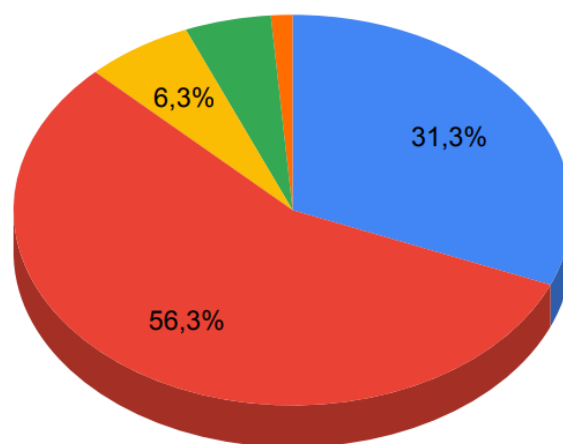


Figura 5 - Definições de diferenciação entre gênero e sexualidade

Tais dados, apesar de apresentarem uma maioria consciente sobre as diferentes possibilidades de gênero, revela uma outra questão, se considerarmos que 38,75% dos alunos participantes não entendem ou entendem o gênero somente a partir de um binarismo correspondente aos órgãos genitais dos indivíduos, onde e quando foi deixado de ser trabalhado tais temas? E se foi, como o mesmo não foi apropriado por estes alunos? Estes questionamentos podem ser fundamentais para entender essa dificuldade de compreensão dos termos, podendo ser advindo de uma falta de diálogo direto no ambiente escolar, ou mesmo do rompimento de preconceitos e ridicularizações destes temas, uma vez considerando, que segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em seu Art. 16 retratam a necessidade de consideração de alguns temas:

Valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião,

orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas. (BORTOLINE, Alexandre, 2015, p. 7)



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física é uma disciplina eminentemente prática, que permite que os alunos se expressem a partir dos conteúdos correlatos a área. Nesta perspectiva podem surgir questões de gênero, racismo, sexualidade e outras que dialogam com as vivências particulares e/ou em grupo dos sujeitos e que podem impactar de alguma maneira os envolvidos neste contexto. Compreendendo também fatores biológicos e maturacionais presentes nos processos de desenvolvimento dos alunos de ensino médio, entende-se que é um momento delicado e que pode apresentar algum traço de ansiedade e outros transtornos psicológicos. Assim, pesquisar visando compreender as relações entre gênero e ansiedade a partir das aulas de Educação Física pode ajudar a melhor entendê-los, verificando em quais situações durante as aulas podem ser afetados negativamente.

O presente estudo buscou, por meio das percepções sobre a temática de gênero dos discentes e docentes, investigar se o ambiente das aulas de Educação Física no ensino médio propicia o aparecimento de situações desconfortáveis desencadeadas pela temática gênero. Assim, com base nos objetivos traçados e diante aos dados apresentados, pode-se constatar que tal objetivo foi atendido, uma vez que pesquisa contribui ao identificar que a temática gênero no ambiente escolar, bem como nas aulas de Educação Física impactam os alunos de diferentes formas, sendo que em algumas há o desencadeamento de situações desconfortáveis e constrangedoras que podem contribuir para o aparecimento de algum nível de ansiedade.

Entre os principais achados, podemos destacar inicialmente o baixo nível de entendimento sobre gênero, ainda mais considerando que o estudo foi feito com alunos que estão no terceiro ano do ensino médio, ao se considerar o grupo estudado, é importante compreendê-lo como sujeitos que passaram pelo processo de isolamento social da COVID-19, que afetou todas as esferas sociais e dentre elas a educação. Dessa forma, entendendo que tiveram parte do ensino médio comprometido pela não possibilidade de encontros presenciais, ainda mais considerando as características da Educação Física, ao chegar na última etapa da educação básica, os mesmos ainda apresentam dificuldades e

carregam estereótipos e considerações errôneas sobre a temática. Neste sentido, ao analisar situações dadas como desconfortáveis pelos alunos, é possível verificar que muitas partem dessa noção do não conhecimento crítico sobre gênero, influenciando em falas e ações que impactam negativamente alguns sujeitos participantes das aulas de Educação Física.

No que tange a essa possível falta de conhecimento dos alunos, ao analisar as abordagens de gênero nas aulas de Educação Física na percepção dos alunos e dos professores, entende-se que parte dos alunos não identificam que essa temática faz parte das aulas dos seus respectivos professores, indo em oposição ao dados coletados com os professores, ou seja, algo entre essa relação professor e aluno não permite que tais informações sejam apropriadas pelos discentes e isso também conversa com os planejamentos anuais analisados, já que indica-se que gênero só é abordado quando frente a uma situação problema, podendo ser um indicativo de que somente essa abordagem não seja suficiente para se trabalhar com estas questões.

A maioria dos alunos tem a auto percepção de que costumam sentir ansiedade, mas poucos percebem essa ansiedade a partir das práticas da Educação Física, mesmo acontecendo em alguns casos. As situações relacionadas ao gênero que causam algum desconforto e ou ansiedade podem estar relacionadas a uma dificuldade de expressão do corpo e ligadas às práticas da Educação Física, como práticas na piscina e em atividades não comuns aos cotidianos dos alunos, que evidenciam possíveis fragilidades e inseguranças relacionadas ao próprio corpo. Situações de assédios também foram identificadas e estas trazem ainda mais desconforto e inseguranças aos envolvidos e influenciam até no desenvolvimento das aulas de Educação Física, ao se entender que o ambiente das aulas pode não ser seguro. Logo essas situações, de certo modo, estão diretamente ligadas aos dados sobre o aparecimento de ansiedade a partir das aulas de Educação Física nas visões docentes e discentes.

A partir de situações de ansiedade presentes nos alunos e evidenciados nas aulas de Educação Física, pensando no retorno após o período pandêmico, os jovens retornaram à rotina presencial, voltando ao ambiente escolar, onde foi

esperado uma dificuldade da socialização com os demais, exposição do corpo e isso podendo acarretar em um estresse na vida desses jovens, possibilitando o aparecimento de algum desconforto. Portanto, se faz necessário que os professores tenham postura de maior cuidado com seus alunos, entendendo que muitos estão mais sensíveis, e pensar em formas de conduzir algumas temáticas durante as aulas para que assim não gere a insegurança e desconfortos nos alunos ao realizarem as práticas de Educação Física.

A partir dos dados obtidos e analisados é visto que os pensamentos iniciais acerca da pesquisa foram confirmados parcialmente. Inicialmente foi pensado que as questões de gênero afetariam mais os sujeitos envolvidos na pesquisa, o que a partir dos dados pode-se visualizar que por mais que ocorram situações desconfortáveis relacionadas ao gênero, as mesmas não foram relatadas por uma maioria, o que não tira o peso desta questão nesse contexto, e podem demonstrar inclusive que esta temática pode afetar mais incisivamente determinados sujeitos que se enquadram em uma perspectiva de grupos minoritários, como pessoas LGBTQIAPN+ e mulheres.

Além de conseguir identificar as diferenças de percepções dos professores e alunos sobre tal temática, nas quais em ambos os grupos foram identificados relatos sobre a importância do gênero nas aulas de Educação, bem como a presença de situações entendidas como geradoras de ansiedade nas aulas de Educação Física. Entretanto, o gênero ainda não é visto como uma possibilidade de conteúdo da área e tratado de forma sistematizada, planejada e organizada dentro de tal disciplina nos terceiros anos do Instituto. Contudo, sobre a percepção dos alunos, tal temática não é abordada pelos professores regentes, mas na perspectiva dos professores essa temática é trabalhada durante as aulas, apresentando assim uma discordância nos fatos apresentados, deixando o questionamento sobre quando, como e de que forma é abordado essa temática.

Por se tratar de uma pesquisa realizada somente no IFMG Campus Ouro Preto, utilizando exclusivamente um questionário como base para a coleta dos dados e como amostra os terceiros anos do ensino médio, pode-se sugerir algumas

alterações para possíveis futuras pesquisas, que podem ser compreendidas pelo aumento de instituições pesquisadas, levando em conta que os IF's podem ser vistos enquanto locais de maiores investimentos em infraestruturas, materiais pedagógicos e a presença de profissionais com maiores formações acadêmicas, bem como o uso de outras formas de coleta de dado e/ou o aprofundamento dos questionários utilizados nesta pesquisa, com o uso de entrevistas semi estruturadas, que permitiriam um diálogo mais aprofundado com os entrevistados sobre suas relações com gênero e ansiedade.

A realização do presente estudo buscou, por meio das percepções dos discentes e docentes, investigar quais as possíveis relações entre gênero e ansiedade a partir das aulas de Educação Física do Instituto Federal de Ouro Preto, no intuito de verificar se o ambiente das aulas de Educação Física no ensino médio propicia o aparecimento de situações desconfortáveis e ansiedade, desencadeadas pela temática gênero. Por fim, com base nos objetivos traçados e diante aos dados apresentados, pode-se constatar que nessa instituição o aparecimento de ansiedade a partir da temática gênero não alcança grandes números. O que não significa que acolher esses números não seja necessário, já que estamos falando de bem-estar psíquico de sujeitos em processo de formação.

## 7. REFERÊNCIAS

ALVES, E. C.; AQUINO, M. A. **A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do ppgci/ufpb - 2008 a 2012.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91172>. Acesso em: 03 dez. 2023.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito dos adolescentes e do jovem. Editora do Ministério da Saúde, Brasília, 2007, p.60.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. **Relações de gênero.** In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos de afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.

CRUZ, Marlon; PALMEIRA, Fernanda. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar.** Motriz, Rio Claro, v.15, n.1, p.116-131, jan. /Mar 2009

Chen, X., Qi, H., Liu, R., Feng, Y., Li, W., Xiang, M., Cheung, T., Jackson, T., Wang, G., & Xiang, Y. T. (2021). **Depression, anxiety and associated factors among Chinese adolescents during the COVID-19 outbreak: a comparison of two cross-sectional studies.** Translational psychiatry, 11(1), 148.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Coleção corpo e motricidade).

DEVIDE, Fabiano, et al. **Coeducação e Educação Física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais**. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 2, 48-60, 2020.

FARAH, M. F. S. **Gênero e políticas públicas**: Revista Estudos Feministas: v. 12, n. 1, p. 47-71, dez. /2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/T3X8zdDGn5DZbcjxTLjcyKM/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2022.

FRANCISCO, Leilane Camila Ferreira de Lima; BARROS, Alice Correia; PACHECO, Mariana da Silva; *et al.* **Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 69, n. 1, p. 48–56, 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de empresas, v. 35, p. 20-29, 1995.

Guessoum, S. B., Lachal, J., Radjack, R., Carretier, E., Minassian, S., Benoit, L., & Moro, M. R. (2020). **Adolescent psychiatric disorders during the COVID19 pandemic and lockdown**. Psychiatry research, 291, 113264. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113264>

JACOBY, F.; GOELLNER, V. **Educação Física e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio de uma escola militar**. Motrivivência, [S. l.], v. 32, n. 62, p. 01–19, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e67164. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e67164>. Acesso em: 16 dez. 2023.

JATOBÁ, Joana D'Arc Vila Nova; BASTOS, Othon. **Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 56, n. 3, p. 171–179, 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/qq3wLVwDfBpnZW9chB6wBtG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2022.

LOPES, Yara; DE SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. **Violência contra a mulher, machismo e patriarcado no enquadramento jornalístico**: Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, v. 6, n. 2, p. 19-34, 2019.

MARLON, Cruz; CAROLINE, Fernanda. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz rev. educ. fís. (Impr.), p. 116–131, 2022. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-516332>>. Acesso em: 20 out. 2022.

O Campus Ouro Preto. **Instituto Federal de Minas Gerais**, 2023. Disponível em: <https://ouopreto.ifmg.edu.br/ouopreto/institucional/o-campus>.

OLIVEIRA, Daiane; NETO, Mauro. **Fatores favorecem a prática de esportes por meninas nas aulas de educação física**. Trabalho Final de Curso ação lato sensu em Educação Física Escolar do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória, p 3. 2023.

PAIM, Cristina Maria Chimelo. **A responsabilidade social do professor de Educação Física frente à violência de gênero no contexto da educação física e dos esportes**. In: efdesports.com. Disponível em: <<http://www.efdesports.com/efd138/violencia-de-genero-no-contexto-da-edcacao-fisica.htm>>.

PRADO, V. M. do; RIBEIRO, A. I. M. **Gêneros, sexualidades e educação física escolar: um início de conversa**. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 2 p. 202-213, abr./jun. 2010. Acesso em: 16 dez. 2023. Plano de ensino Educação Física - Instituto Federal de Ouro Preto.

Rego, K. O., Maia, J. L. F. (2021). **Ansiedade em adolescentes no contexto da pandemia por COVID-19**. Research, Society and Development, (10) 6, e39010615930-e39010615930

SILVA, A. R. da; ALMEIDA, A. T. de S; GOIS, O. P. de; NASCIMENTO, M. A. M. do; SOUTO FILHO, J. M. **The contribution of school physical education in the individual's social education. Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. e24811326551, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i3.26551. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26551>. Acesso em: 17 oct. 2023.

SOLANGE, Francis; TOURINHO, Vieira; HENRIQUE, Marcelo; *et al.* **GLOSSÁRIO DA DIVERSIDADE EQUIPE DE ELABORAÇÃO**. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <[https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio\\_vers%C3%A3o\\_interativa.pdf](https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3o_interativa.pdf)>

TAVARES, J. M. A. D et al. **Fatores de risco e prevenção dos transtornos de ansiedade na adolescência: uma revisão narrativa**. Revista Eletrônica Acervo Saúde. Vol. 15. ISSN 2178-2091. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.E11353.2022>. Acesso em: 07 jan. 2024

VASQUES, G.; WITTIZORECKI, S. **Emoções e violências no retorno à presencialidade na escola: uma análise configuracional nos entornos da Educação Física**. Motrivivência, [S. l.], v. 35, n. 66, p. 1–20, 2023. DOI: 10.5007/2175-8042.2023.e91290. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/91290>. Acesso em: 4 dez. 2023.

VENÂNCIO, P. E. M.; GALVÃO, M. V. R.; SILVA, R. N; COUTO, L. de B; OLIVEIRA, K. C. N. de; SILVA, R. E. R. da; SOARES, **Depression and Anxiety in adolescents practicing sports and Physical Education classes**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 6, p. e14811628933, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i6.28933. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28933>. Acesso em: 3 dez. 2023.



World Health Organization, WHO (2017). **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates.** Geneva: World Health Organization; Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO

## 8. ANEXOS

### 7.1. ANEXOS A - Carta de anuência



#### CARTA DE ANUÊNCIA

**Ao Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto/MG (IFMG-OP)**

Utilizamos-nos do presente para apresentar o projeto de pesquisa intitulado, “**RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ANSIEDADE A PARTIR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: VISÕES DISCENTES E DOCENTES**”. Essa pesquisa tem como objetivo investigar se o ambiente das aulas de Educação Física no ensino médio propicia o aparecimento de situações desconfortáveis desencadeadas pela temática gênero. Assim, se faz importante entender os sentimentos e as sensações dos sujeitos envolvidos no processo educacional, para compreender e prospectar práticas que fomentem um processo de conscientização dos envolvidos sobre temáticas que perpassam o gênero. Para esta pesquisa será realizado um questionário, que será aplicado com os professores de Educação Física e alunos do 3º ano.

Pretendemos, portanto, viabilizar o estudo nas dependências da escola durante as aulas de Educação Física Escolar. Sob esse prisma solicitamos a anuência da instituição para darmos continuidade a pesquisa, informando nosso compromisso pelos cuidados éticos e pela responsabilidade integral sobre os custos e procedimentos acadêmicos.

O presente documento quando assinado implica na anuência do Instituto Federal de Minas Gerais campus Ouro Preto, para que o estudo ocorra em suas dependências possibilitando docentes e discentes para participação voluntária.

Caso dúvidas persistam, seguem os contatos do (a) pesquisador responsável: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Falcão EEF- UFOP (31) 99985-1622 - denisefalcao@ufop.edu.br - Águida Aparecida Fernandes (31)995452545- aguida.fernandes@aluno.edu.br – Guilherme Rodrigues Fernandes (31) 989879507- guilherme.fernandes1@aluno.ufop.edu.br.

Desde de já agradecemos a compreensão e atenção dispensadas.

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assistentes de pesquisa

Caso exista um parecer favorável à solicitação em tela, pedimos que o consentimento se materialize pela assinatura do campo a seguir:

\_\_\_\_\_  
Ouro Preto \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ 2023

## 7.2. ANEXOS B - Termo de consentimento livre e esclarecido



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ANSIEDADE A PARTIR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: VISÕES DISCENTES E DOCENTES ”. Nesta pesquisa pretendemos investigar se o ambiente das aulas de Educação Física no ensino médio propicia o aparecimento de situações desencadeadas pela temática gênero. Assim se faz importante entender os sentimentos e as sensações dos sujeitos envolvidos no processo educacional, para compreender e prospectar práticas que fomentem um processo de conscientização dos envolvidos sobre temáticas que perpassam o gênero. Para esta pesquisa será realizado um questionário, que será aplicado com os professores e alunos.

Para isso, estamos convidando alunos e professores de Educação Física do ensino médio do Instituto Federal de Ouro Preto. Caso tenha interesse em contribuir, você irá responder um questionário com cerca de 20 perguntas abertas e fechadas. Em adição, destacamos nossa responsabilidade pela garantia do anonimato e pelo sigilo absoluto no tratamento das informações, que serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Para tanto, os dados coletados serão utilizados da forma mais segura.

Temos ciência sobre os riscos envolvidos, sendo eles a chance de desencadear situações de constrangimento, iniciar situações de conflitos e trazer à tona possíveis traumas com a temática. Não haverá procedimentos invasivos, sendo assim o grau de risco esperado é baixo. A pesquisa contribuirá para o professor ter uma base de como trabalhar questões de gênero nas aulas de Educação Física, diminuindo desconfortos dos alunos em suas práticas, além de proporcionar uma conscientização sobre a temática que ajudará muito no processo de desenvolvimento dos alunos. Por fim, ressalta-se o compromisso em tratar fidedignamente as informações oferecidas, respeitando integralmente a originalidade dos dados. Assumimos a responsabilidade em prestar assistência integral no caso de possíveis danos. Assegura-se total liberdade aos voluntários convidados, que poderão se recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas. Serão adotados todos os cuidados possíveis para minimizar os riscos da pesquisa, garantindo o cumprimento das disposições estabelecidas neste documento e seguindo o comitê de ética de número 68154123.2.0000.5150.

Cumpramos disponibilizar o endereço da Escola de Educação Física, a título de referência para qualquer contato que se faça necessário: Rua Dois, 110, Campus Universitário, Ginásio de Esportes, Morro do Cruzeiro, Ouro Preto / MG, (31) 3559-1518. Informa-se, ainda, o endereço do Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP, que tem por objetivo

resguardar participantes da pesquisa. Centro de Convergência, Campus Universitário, telefone (31) 3559-1368.

---

Prof. Dr. Denise Falcão

Professora orientador da pesquisa

---

Águida Aparecida Fernandes

Pesquisadora

---

Guilherme Rodrigues Fernandes

Pesquisador

Ouro Preto, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

### 7.3. ANEXOS C - Termo de assentimento livre e esclarecido



#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Prezado pai, mãe e/ou responsável, convidamos seu filho a participar de um estudo desenvolvido pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, intitulado **“RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ANSIEDADE A PARTIR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: VISÕES DISCENTES E DOCENTES”**. O trabalho realizado pelos discentes Águida Aparecida Fernandes, Guilherme Rodrigues Fernandes sob a coordenação da professora Denise Falcão da Escola de Educação Física da UFOP, tem como objetivo investigar se o ambiente das aulas de Educação Física no ensino médio propicia o aparecimento de situações constrangedoras desencadeadas pela temática gênero. Assim se faz importante entender os sentimentos e as sensações dos sujeitos envolvidos no processo educacional, para compreender e prospectar práticas que fomentem um processo de conscientização dos envolvidos sobre temáticas que perpassam o gênero. Para esta pesquisa será realizado um questionário, que será aplicado com os professores e alunos. Para isso, estamos convidando estudantes do terceiro ano, matriculados no Instituto Federal de Ouro Preto. Destacamos nossa responsabilidade pela garantia do anonimato e pelo sigilo absoluto no tratamento das informações, que serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Em relação à participação do seu filho, será preservado o direito à informação e à autonomia do voluntário, de acordo com sua capacidade. Esclarecemos que todas as despesas relacionadas ao estudo serão de responsabilidade dos pesquisadores, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Somado a isso, por se pautar pelo compromisso social e por ter destinação sócio humanitária, espera-se que a pesquisa aponte benefícios diretos e indiretos contribuindo para o professor ter uma base de como trabalhar questões de gênero nas aulas de Educação Física, diminuindo desconfortos dos alunos em suas práticas, além de proporcionar uma conscientização sobre a temática que ajudará muito no processo de desenvolvimento dos alunos. Por fim, ressalta-se o compromisso em tratar fidedignamente as informações oferecidas, respeitando integralmente a originalidade dos dados. Assumimos a responsabilidade em prestar assistência integral no caso de possíveis danos. Assegura-se total liberdade aos voluntários convidados, que poderão se recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas. Serão adotados todos os cuidados possíveis para minimizar os riscos da pesquisa, garantindo o cumprimento das disposições estabelecidas neste documento e aprovado pelo comitê de ética de número CAAE 68154123.2.0000.5150. Ressalta-se o compromisso em tratar fidedignamente as informações oferecidas, respeitando integralmente a originalidade dos dados. No entanto, cumpre disponibilizar o endereço da Escola de Educação Física, a título de referência para qualquer contato que se faça necessário: Rua Dois, 110, Campus Universitário, Ginásio de Esportes, Morro do Cruzeiro, Ouro Preto / MG, (31) 3559-1518. Informa-se, ainda, o endereço e os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP, que tem por objetivo resguardar as participantes da pesquisa: Centro de Convergência, Campus Universitário, telefone (31) 3559-1368,

cep.propp@ufop.edu.br. Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e permite que o aluno sob sua responsabilidade seja voluntário, favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal. Desde já, agradecemos a compreensão e voluntariedade.

---

Orientadora da pesquisa  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Denise Falcão Professora

---

Assistente da pesquisa  
Águida Aparecida Fernandes

---

Assistente da pesquisa  
Guilherme Rodrigues Fernandes

Ouro Preto, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.